

DESAFIOS DAS MULHERES QUE DECIDEM VOLTAR A ESTUDAR NA EJA

Data da submissão: 09/06/2023

Data de aceite: 01/08/2023

Letícia Moreira Ferreira

Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos
Poços de Caldas – Minas Gerais

Luana Ferreira dos Santos

Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos
Poços de Caldas – Minas Gerais

Marluce Silva Barbosa

Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos
Poços de Caldas – Minas Gerais

Paloma de Cássia Daniel dos Santos

Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos
Poços de Caldas – Minas Gerais

Rubiani Canelhas Fernandes Menezes

Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos
Poços de Caldas – Minas Gerais

que as fizeram abandonar a escola no tempo regular e por isso é importante buscar compreender essas premissas baseando-se em uma pesquisa acadêmica. A metodologia adotada para a elaboração deste trabalho é a revisão bibliográfica e o estudo de caso, sendo uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, com o objetivo de apresentar, por meio constatações científicas publicadas em livros, sites e artigos, os resultados sobre o que as mulheres enfrentam para estar na EJA e quais foram os motivos para isso. Alguns autores abordam o tema e apresentam resultados que apontam as dificuldades das mulheres nos estudos, sua relação com as exigências culturais, sociais e econômicas, bem como a lida com a desvalorização feminina numa sociedade patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: EJA. Desafios da mulher. Abandono escolar.

CHALLENGES FOR WOMEN WHO DECIDE TO GO BACK TO STUDYING AT EJA

ABSTRACT: The purpose of this article is to relate and present studies on youth and adult education, focusing on women.

RESUMO: O objetivo deste artigo é relacionar e apresentar os estudos sobre a educação de jovens e adultos, tendo como foco as mulheres. Entende-se que a mulher, no ambiente da EJA, seja representada por muitos entraves, desafios e experiências

It is understood that women, in the EJA environment, are represented by many obstacles, challenges and experiences that made them drop out of school on a regular basis and that is why it is important to seek to understand these premises based on academic research. The methodology adopted for the elaboration of this work is the bibliographic review and the case study, being a qualitative and exploratory research, with the objective of presenting, through scientific findings published in books, websites and articles, the results about what women face to be in the EJA and what were the reasons for this. Some authors approach the subject and present results that point out the difficulties of women in studies, their relationship with cultural, social, and economic demands, as well as dealing with female devaluation in a patriarchal society.

KEYWORDS: EJA. Women's challenges. School Abandonment.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda os desafios e as transformações das mulheres que decidem voltar a estudar pela EJA, passando pela história socioeducacional e a luta pelo direito de concluir a sua formação básica.

Para a elaboração do mesmo, foi realizada uma pesquisa exploratória qualitativa e descritiva sobre o tema, com base na hipótese de que as mulheres retomam seus estudos porque sentem a necessidade de concluí-los para poder alavancar sua vida pessoal e profissional. Por meio de análise de obras de vários autores e entrevista com Marinalva Imaculada Cuzin, Gestora pública de EJA e servidora pública municipal aposentada, foi feito o embasamento teórico do assunto visando demonstrar os motivos que levam a mulher a retomar os estudos e investigando os obstáculos, preconceitos e avanços que as mulheres na EJA tiveram de superar para dar continuidade à escolarização.

A pesquisa também tem como objetivo, provocar a reflexão sobre o encorajamento e o empoderamento feminino relacionado ao processo educativo, pois, embora já tenha ocorrido avanços significativos, é fato que, em pleno século XXI ainda há mulheres que vivem em negação e opressão relacionados a sua integridade física e moral e a necessidade da luta para que seus direitos sejam respeitados, ainda é uma realidade.

2 | DESENVOLVIMENTO

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil teve início no período colonial, tendo como foco a catequização dos povos indígenas e a alfabetização dos nativos na língua portuguesa. Segundo Strelhow (2010), em 1759, com a saída dos jesuítas do Brasil, a educação de adultos passou a ser responsabilidade do Império, onde apenas as classes mais abastadas tinham acesso à educação (homens brancos, filhos de colonizadores portugueses). Nessa época, houve a necessidade de ocorrer reformas educacionais, uma vez que a educação não era vista como algo produtivo e com isso, criou-se a educação noturna para adultos não alfabetizados e durante muito tempo, essa

educação noturna era a única forma de educação no país, conforme Porcaro (2004).

Ainda segundo a autora Porcaro (2004) a partir do século XX, as altas taxas de analfabetismo começaram a ficar evidentes no país, levando o governo a criar estratégias para a alfabetização de adultos, e em 1947, o governo brasileiro lançou a primeira campanha de educação de adultos, propondo alfabetizar a população analfabeta em três meses, além de oferecer cursos básicos, capacitação profissional e desenvolvimento comunitário.

No final de 1950 e início da década de 1960, a sociedade civil em torno das reformas de base iniciou uma mobilização que incitou mudanças no programa público de educação de adultos. Com a consolidação da proposta de uma nova pedagogia, que remetia principalmente ao autor Paulo Freire, o patrono da EJA. Dessa forma, um novo paradigma de ensino apareceu pela nova compreensão da relação entre questões educacionais e questões sociais (PORCARO, 2004).

As ideias de Paulo Freire espalharam-se por todo o país, ganhando reconhecimento nacional pelo seu trabalho com a educação, especificamente em relação à educação de adultos. Devido à sua notoriedade, em 1963, Paulo Freire foi encarregado pelo governo brasileiro de desenvolver o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, porém, com o Golpe Militar, houve uma ruptura nesse projeto de alfabetização, uma vez que este passou a ser visto como uma ameaça à ordem instalada. Para Freire (1967) a educação precisava ser pautada na emancipação libertadora, o que possibilita ao sujeito conhecer seu lugar de direito e deveres como cidadãos.

Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. (FREIRE, 1967, p. 60).

Na década de 1970, para Marques (2018) o governo assume novamente o controle dos Programas de Alfabetização de Adultos, lançando o MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização. Esse que se expandiu por todo o território nacional, e que se derivou no PEI – Programa de Educação Integrada, que representou adiante uma forma mais integrada do antigo curso primário. Na década de noventa, vimos a LDB (9394/96) afirmar que:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. (LDB, 1996)

Marques (2018, p. 15) completa que: “Em 1997 realizou-se na Alemanha/Hamburgo, a V Conferência Internacional de Educação de Jovens, promovida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas).” Essa conferência, segundo a autora, representou um importante marco na EJA, pois se estabeleceu a “[...] vinculação da educação de adultos ao desenvolvimento sustentável e equitativo da humanidade.”

E no novo milênio, vimos que foi aprovado o Parecer nº 11/2000 – CEB/CNE, que vigora ainda atualmente e trouxe as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Para Brasil (2013), essa foi uma premissa que sustenta então a identificação da Educação de Jovens e Adultos como um direito público subjetivo.

Em toda essa trajetória da EJA, podemos ressaltar que os ideais dessa modalidade foram se transformando, e atualmente Paulo Freire foi e é um grande exemplo no Brasil com evidências positivas da utilização do saber cotidiano para a construção do conhecimento, porque o autor desenvolveu abordagens para esse público durante sua trajetória profissional e, afirmava que é necessário entender a educação não apenas como ensino, com competência teórica, mas no sentido de humanizar. (FREIRE, 1984)

A Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, determinava que essa modalidade de fato trouxesse as bases sociais, afirmando em seu Artigo 5º que:

Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio. (CNE/CEB Nº 1, 2000)

Além disso, essa prática deveria manter a proximidade com alunos e buscava conhecer suas realidades, porque desde o surgimento da EJA no país, o autor Freire (1984) já tratava dessa modalidade como uma área de suma importância.

Freire acreditava na dialogicidade como a principal ferramenta para gerar uma educação libertadora, onde o educador desde o início do seu trabalho, considerando o planejamento, execução e a avaliação do mesmo, deveria interagir com os educandos, com o cuidado de não impor sua visão de mundo, mas que alargassem as suas visões de mundo, por passarem a considerar e valorizar os conhecimentos prévios, lugares de falas, reflexões e percepções sociais ocasionadas por todos os envolvidos (ALMEIDA; FONTENELEII; FREITAS, 2021, p. 03).

Ao se pensar na EJA nos parâmetros do autor, é possível vislumbrar uma educação inclusiva e integradora. Afinal, a educação tem como proposta acolher e ser libertadora.

Paulo Freire (1996) cita que ensinar exige respeito aos saberes desses educandos, e afirma que a contextualização do saber é uma importante noção pedagógica que deve ocupar um lugar de destaque na ação pedagógica contemporânea. A partir do momento que o aluno compreende os conteúdos estudados, o valor educacional da disciplina se expande, notando o real interesse por esses protagonistas.

A educação de adultos torna-se mais que um direito é a chave para o século XXI; é tanta consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre sexo, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e a cultura de paz baseados na justiça. (CONFINTEA, 2009, p. 19).

De acordo com esse contexto, temos o mesmo conceito de Confinteia (2009), que afirma que o sujeito do EJA é considerado como criador de cultura e portador de conhecimento individual, aprendendo a partir da observação do mundo, este que é capaz de fazer mesmo sendo analfabeto.

As DCNs (BRASIL, 2013, p. 362) destacam que “[...] a garantia da oferta de EJA deve se configurar, sobretudo, como direito público subjetivo, o que pressupõe qualidade social, democratização do acesso, permanência, sucesso escolar e gestão democrática.” Essa concepção da modalidade ensino abarca todo esse discorrer de luta e conquistas de direitos.

Para o normativo, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), é um ambiente muito particular na educação, e tende a atender educandos-trabalhadores, e para além de conteúdos e métodos, nessa proposta é necessário envolver objetivos que estejam de acordo com a formação humana e com o acesso à cultura. Nessas premissas o ensino deve lhes ofertar uma consciência crítica, com posturas e atitudes éticas, valorizando cada ser ali inserido.

Essa premissa evidenciada também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n. 9394/96), em seu artigo 37, que reitera que “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”, traz como característica uma ampla diversidade de perfil dos educandos, seja pela idade, gêneros, histórico de vida, características socioeconômicas e culturais, dentre outros aspectos.

Para tal, o professor precisa notar que os alunos têm vontade de aprender a buscar novos conhecimentos, que aprenderam principalmente se fazendo na prática, esse aluno consegue solucionar problemas a partir de uma experiência real. Sendo assim, é de suma importância que seja considerado a própria realidade do educando, porque de acordo com Rocha (2002) esse educador encontrará condições para motivar a aprendizagem, despertando dessa forma o interesse do aluno.

E, para manter o diálogo com os alunos toma-se como um meio importante o estreitar das relações com os educandos, sendo possível transmitir conhecimentos para construir, analisar e adquirir uma consciência crítica, dessa forma a atuação do professor terá no diálogo o suporte necessário para uma prática mais adequada às suas necessidades, centrada numa perspectiva progressista. Arroyo (2001) diz que a educação popular enfatiza

uma visão total do jovem e do adulto, como sendo um ser humano que tem direito a se formar, tendo pleno papel social, cultural, cognitivo, ético, estético.

Por isso, na educação de jovens e adultos o valor educacional é adquirido individualmente e depende exclusivamente do significado do que se ensina e do que se aprende. Sendo assim, cabe ao educador desenvolver conteúdo significativo para trabalhar dentro de sala de aula, levando a sistematização desses saberes, se aprofundando no universo do aluno, para que na sua prática pedagógica a contextualização ocorra.

Sabemos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é atualmente uma modalidade de ensino evidenciada em lei e que apresenta um grande rigor social. Diante disso, a abordagem dessa temática do referido estudo surgiu pelos aspectos que envolvem o ensino na EJA e a sua relação com o feminino, tendo a preocupação de conhecer esse processo de ensino-aprendizagem visto como uma educação de qualidade e que vem proporcionando oportunidades para todos aqueles, que em um determinado momento, tiveram de abandonar os estudos.

Conforme apontam os normativos que orientam a prática na EJA, compreendemos que ela se constitui com um público muito diverso e plural, carregado de histórias, conhecimentos e experiências. No entanto, nesse estudo propomos um olhar direcionado às mulheres, mensurando quais as premissas que as fizeram deixar os estudos e quais as expectativas do retorno na referida modalidade.

Justifica-se a importância desta pesquisa pela necessidade de esclarecer ainda na graduação quais as particularidades da EJA para o público feminino, levando em consideração a história de vida de cada indivíduo, o modo de agir e pensar em diversas situações bem como suas dificuldades de se manter nesse espaço.

A EJA aqui pensada é uma modalidade vista como uma oportunidade de conhecimento de vida que esses sujeitos trazem em sua bagagem. Essas considerações são de grande valia, pois é uma forma dos estudos serem voltados para o interesse dos educandos, modificando a dinâmica da sala de aula, por exemplo, para um ambiente com características de investigação, mais humanístico em que se envolvam práticas de conhecimentos que poderão valorizar essas trajetórias, propondo um olhar atento e específico na área.

Considerando que muitas vezes o público feminino deixa de estudar por algum motivo específico, e quando retornam à escola trazem uma grande dificuldade para se manter nesse ambiente, esta pesquisa buscou responder: Quais as dificuldades das mulheres que deixaram e retornaram à EJA? Pois, dessa forma acreditamos que quando buscamos nos aproximar das problemáticas que ambas carregam, poderemos conhecer a fundo o que elas sentem ao estarem buscando conhecimento, educação e propor formas para que elas se sintam motivadas e dispostas a contribuir e interagir com suas experiências de vida.

2.1 Motivos do abandono Escolar

É na escola que se potencializa vínculos sociais, habilidades físicas e cognitivas que fazem com que o aluno se torne um agente social. Porém, existem percalços e reações negativas diárias que aumentam a probabilidade de os jovens não darem continuidade aos seus estudos, em especial nos relatos desta pesquisa destaca-se a mulher diante de diversas motivações para que o abandono escolar aconteça.

Por muitos anos no século XX esta prática era quase invisível em nosso país, a mulher simplesmente não podia ter acesso à Educação e a alfabetização. Sua educação era exclusivamente para fins domésticos, onde ela poderia cuidar somente dos afazeres de casa e da família. Logo no século XVII, com acesso limitado à catequese, as mulheres passam a ter vínculos com estudos religiosos, bordados e costuras, e práticas de boas maneiras.

Em 1827 a mulher conquistou o direito de aprofundar seus estudos além do ensino fundamental a partir da Lei geral. O direito de concluir uma faculdade chega em 1879 somente às solteiras com autorização de seus pais, e as casadas eram obrigadas a respeitar o consentimento de seus maridos. Com muita dedicação e luta, as mulheres conquistaram a permissão de lecionar para outras meninas, abrindo caminhos para a educação, destacando sua conquista e vocação.

Percebem-se os grandes desafios que a mulher tem na luta para adquirir mais conhecimento e educação. Muitas pesquisas provam as dificuldades enfrentadas atualmente que fracassam na caminhada da mulher. Registro feito em uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), foi a de que 62 milhões de meninas param de frequentar a escola por falta de apoio estrutural, emocional.

Ao retornarmos para a análise referente às mulheres na EJA vemos que a evasão e, conseqüentemente o abandono escolar não pode ser tratado da mesma forma entre homens e mulheres, pois conforme afirma Freire (2006), é possível verificar que ainda que o acesso à escola seja de fato hoje uma realidade conquistada, mas ainda contamos com uma estrutura da instituição escolar que não dá conta da permanência dessas jovens, que é notoriamente excludente, e engessada.

Esse contexto, também nos permite elencar que um dos motivos que podemos tratar sobre esse viés do abandono escolar está a disparidade social presentes nas escolas, um ambiente que também reproduz a desigualdade tornando o ensino seletivo, onde o aluno da camada social mais baixa não possui perspectiva de conhecimento oriundo dos estudos, porque provavelmente no ambiente familiar pouco se agrega quanto a capital cultural para o mesmo. (FREIRE, 2006)

Por conta do trabalho infantil, pobreza, fome, casamento precoce, a gravidez, falta de conexão dos conteúdos, necessidade e falta de renda imediata, falta de rede de apoio

escolar. Jovens meninas, muitas vezes sobrecarregadas com afazeres domésticos de cuidar de uma casa, pessoa idosa, dependente de ajuda, muitas vezes com deficiência ou mesmo doente que de certo modo recai sobre elas, impactando negativamente seu desempenho.

Segundo o exame nacional para certificação competência de jovens e adultos (ENCCEJA), dentre os principais fatores que levam o abandono escolar das mulheres, destacam-se: o casamento e os filhos. Outro fator relevante para a escolha de continuar ou não os estudos é a renda familiar e a falta de apoio dos familiares, uma vez que a mulher pode ser a provedora principal da casa e os estudos atrapalhariam isso.

Outra questão relevante apontada por Bourdieu (1998) é de que a escola para as estudantes das classes populares não atende suas necessidades, e muitas vezes ela acentua essa desigualdade, levando-as ao fracasso/abandono escolar.

Carvalho (2004, p. 267) alerta que:

A complexificação do debate, contudo, vem indicando que múltiplas dimensões interferem nesse processo e que é preciso levar em conta tanto as condições socioeconômicas e culturais de origem da criança, quanto às condições de funcionamento das escolas, o preparo dos professores, os critérios de avaliação etc.

Diante disso, compreendemos que são vários os fatores que contribuem para que as mulheres abandonem a escola, dentre esses a maternidade com seus desdobramentos pode ser vista com maior ênfase, sendo apontada como uma de suas principais causas dessas alunas deixarem as escolas, contudo, fatores externos como os culturais, sociais e econômicos passam a somar esse cenário excludente.

2.2 Por que as mulheres voltam a estudar na EJA

Na vida da mulher, estudar pode representar empoderamento. Sim, pois papel que a escola desempenha é fundamental, em vários aspectos: cultural, social e pessoal.

A mulher busca, através do estudo, a sua autonomia. Ser protagonista da própria história, buscar melhores oportunidades.

As mulheres sempre protagonizaram a luta por espaço social e emancipação contra a dominação masculina. As conquistas que perpassam tal protagonismo se iniciaram no século IX, legitimando-se apenas no século XX, quando elas ingressam no mundo da escolarização e do mercado de trabalho. Estas conquistas permitiram às mulheres alcançarem seus direitos e visibilidade social. (Chagas, Carvalho e Jovino. p.259).

As mulheres voltam a estudar e ingressam na EJA por vários motivos. Um deles, sem dúvidas, é o fortalecimento da autoestima. “[...] o processo de empoderamento da mulher também atravessa seu lugar na sociedade, constituído pelo reconhecimento de si mesma.” (Chagas, Carvalho e Jovino. p.260).

“A volta à rotina escolar por parte das mulheres apresenta objetivos individuais e distintos, desta forma, os êxitos também serão distintos e individuais.” (CITTADIN&BADALOTTI, p.6).

Cada mulher tem seus sonhos e ambições e isso é que a move. A busca por melhores empregos, por reconhecimento, melhores salários, qualidade de vida. Tudo isso, impulsiona o retorno aos estudos.

Os sujeitos da EJA trazem consigo toda uma bagagem de vida. Quando uma mulher volta a estudar, ela traz toda essa gama de experiências e conhecimentos adquiridos ao longo de sua jornada. É assim que a escola age como transformadora na vida delas, possibilitando uma oportunidade de ler o mundo de forma mais abrangente e promovendo o empoderamento das mulheres, pois, como dito por Alves, p.27:

O empoderamento está no conhecimento e na autonomia socioeconômica que as mulheres podem alcançar e desenvolver, pois, assim, conseguem o poder de escolha, decisão e influência, tendo o poder para escolher consciente e racionalmente seus companheiros ou companheiras, representantes políticos, opção de ter filhos ou não, profissões e carreiras.

Para ilustrar melhor, os motivos que levam às mulheres a voltar a estudar na EJA, tomamos como referência o trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia, de Yasmin Cardoso Alves: Trajetórias de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

Nessa pesquisa, foram entrevistadas várias mulheres. Cada uma delas foi questionada sobre os motivos que a levaram a retomar seus estudos na EJA. Seguem abaixo alguns relatos extraídos deste trabalho:

“Estar na EJA é uma chance para mim” (Margarida)

Margarida não conseguia ir ao mercado e ler os preços dos produtos.

“Meu sonho era conhecer outro mundo, diferente do meu” (Violeta).

Violeta nunca tinha ido a uma escola, durante toda a sua vida. Eram muito pobres e o foco da família era trabalhar para sobreviver. Estudar era a realização de um sonho.

“Nunca pude estudar, sempre fui escravinha de branco, meu marido também nunca me incentivou” (Rosa).

Rosa sofreu muitos preconceitos. Trabalhava como empregada doméstica e nunca conseguiu concluir os estudos. Foi incentivada a voltar a estudar por um advogado que fazia o inventário de sua família.

“Acho que se eu aprender a ler vou ter outro mundo, esse mundo “tá” fechado, todo mundo sabe e eu não, parece que estou em uma escuridão” (Jasmim).

Jasmim é apaixonada por livros e matriculou-se na escola para realizar o seu sonho de ampliar seus conhecimentos.

“Colégio não era para negro, ainda mais naquela época a prioridade era o trabalho” (Dália).

A filha de Dália foi sua motivação para estudar, visto que ela nunca tinha frequentado uma escola. “Sentiu que precisava ir para a escola, em razão da necessidade de comprar algo, assinar algum documento, etc.”.

Pelos relatos acima, é possível perceber que voltar a estudar representa para as mulheres não somente ter em mãos um certificado de conclusão de curso. Há muito mais por trás disso: há luz no fim do túnel, há sonhos sendo realizados, há a conquista de autonomia, a recuperação da autoestima, há o empoderamento, a força necessária para ser uma pessoa melhor.

Outra referência, que fala do retorno das mulheres aos estudos, é o trabalho final de TCC de Andressa Oliveira de Souza: A mulher aluna da EJA: caminhos e perspectivas no retorno à escola, da Universidade Federal de Rondônia. Vejamos:

“Aí agora eu senti a necessidade de vim pra escola, porque eu quero fazê minha habilitação” (ANTÔNIA, 64 anos).

“Vontadi di aprende mais, di cresce né?! Comu mulhe, como pessoa” (EMÍLIA, 55 anos).

[...] eu acho bonito, aquelas pessoa di idadi, tudu estudá. Eu achei a coisa mais linda, eu tinha uma tia, fais 9 ano qui ela faleceu, ela veio aprende assina o nomi dela cum 96 anos. Ai a outra veio aprende também ia faze uns 70” (MADALENA, 51 anos).

[...] chama a genti di analfabeto, né?! Muita genti já falo isso. Tevi uma veis qui eu fui ajeita meus documento aqui em Vilhena, transferência do meu título di eleito, aí ela foi e falo pra mim assim: - Por que qui a sinhora vai ajeita transferi pra cá? A sinhora é analfabeta, sinhora num precisa” (ELIZA, 66 anos).

[...] nesse tempo que eu mi dediquei pra eli eu pudia te dedicado pra mim, né?! Qui a genti tem o marido, a genti que cuida i tudo e as veis a genti esqueci da genti, né?! I hoje eu pudia te uma formação, né?! Eu pudia vive melhor hoje né?! Ganha melhor né?! Eu perdi bastante” (EMÍLIA, 55 anos).

Mais uma vez podemos observar que os motivos que levam às mulheres a retomar seus estudos, são diversos e na maioria dos casos muito simples. Há na simplicidade destes desejos uma grandiosidade que não se mede, não há preço definido, não há como estabelecer um valor material. Trata-se de valores emocionais, estruturais da pessoa como ser humano, como cidadão, como ser integral na sociedade.

Em resumo, as mulheres voltam a estudar para reencontrar-se e reintegrar-se. Uma busca constante e sem fim, com destino à liberdade, autoconhecimento, autoestima e melhoria contínua.

Nos **Anexos 1 e 2, página 25**, está inclusa uma entrevista com Marinalva Imaculada Cuzin, residente em Poços de Caldas e links relacionados à sua trajetória. Marinalva era faxineira e decidiu retomar seus estudos, provocando uma transformação em sua vida e de sua família.

2.3 Os desafios de quando a mulher volta a estudar e o impacto na família

É notória a mudança demográfica nos alunos egressos do curso de Educação de Jovens e Adultos. Visualiza-se uma crescente presença feminina nesse meio, as quais buscam, através da qualificação, uma realização pessoal e crescimento profissional.

Quando decidem voltar a estudar, as mulheres enfrentam muitos desafios, pois carregam sobre si o peso cotidiano de dupla e muitas vezes até tripla jornada. As dificuldades de se voltar a estudar já começam com o fato de precisar deixar seus lares para irem à escola, a maioria, após uma jornada de trabalho cansativa, cuidando dos filhos, da casa e muitas vezes sendo a principal fonte de renda da família. Em alguns casos, por não terem o apoio de seus companheiros, precisam levar os filhos para a escola e ainda sofrem com essa falta de amparo, precisando dar conta de tudo, tanto física quanto emocionalmente.

São inúmeros os motivos que geraram o abandono escolar, contudo, a decisão de voltar é, em sua maioria, embasada em uma necessidade pessoal de crescimento e reconhecimento, seja ele profissional ou até mesmo de cidadania. A independência gerada pela escolaridade é algo muito buscado pelas mulheres que retomam os estudos, uma vez que, por muito tempo, foram dependentes de terceiros (pais, maridos, família).

Reconhecer quais os motivos determinam o retorno escolar é imprescindível para traçar estratégias visando alcançar o maior número de mulheres completamente inseridas no seletivo grupo de pessoas letradas.

Não se pode deixar de citar, o machismo presente ainda na sociedade, sequelas do patriarcado colonial performando a mulher como alguém inferior ao homem. Infelizmente, até este tempo, há de se falar em preconceito em relação às mulheres, como em determinados setores do mercado de trabalho, onde elas recebem salários inferiores em relação a homens no mesmo cargo, por exemplo.

Foi preciso compreender alguns desses pressupostos que as trazem de volta à escola, seja pela busca de formação, pela inserção no mercado de trabalho, nas premissas relacionadas à capacitação, dentre outros motivos interligados no sentimento de pertencimento e emancipação dessas pessoas.

Para tal, busca-se embasar teoricamente em estudos sobre o tema que seja capaz de afirmar a dimensão dessa modalidade educativa, especialmente para o público feminino, como uma porta de entrada para inúmeros caminhos e grandes novas oportunidades.

2.4 Que resultados a Mulher obtém depois da volta às aulas na EJA

Percebe-se deste modo, a EJA representa para essas mulheres um caminho para a minimização dos efeitos da exclusão na sociedade, proporcionando uma nova chance de poder melhorar suas condições de trabalho e renda, em sua autonomia e realização pessoal, podendo obter resultados significativos, qualitativos e quantitativos em sociedade que se ampliam e de modo geral refletem nelas, uma nova visão de mundo por meio da educação.

Entende-se que as mulheres da EJA retornam às instituições escolares não só em busca de um certificado ou na colocação no mercado de trabalho, elas esperam muito mais do que ler ou escrever, em sua maioria pretendem continuar os estudos para sua formação intelectual e obter uma formação crítica social, adquirindo em sociedade seus direitos e deveres almejando uma oportunidade para um futuro melhor, tanto para elas quanto para seus familiares.

O empoderamento das mulheres dentro da escola olhando e analisando nas lutas e nos espaços nos quais estas mulheres podem se tornar “empoderadas” é fundamental que elas vençam alguns desafios para que estas mudanças em suas vidas possam atingir e refletir de maneira significativa como cidadã em sociedade, criando para elas possibilidade de um novo olhar e prática social, vencendo suas barreiras, medo de se expor e expressar suas opiniões, além da sua construção interna e seu desenvolvimento como indivíduo, é válido acrescentar que esse conceito vai além de uma luta individual, ele faz com que as mulheres de modo geral se ajudem de maneira mútua para que possam se inserir de forma ativa na comunidade em que vivem e que esse processo de crescimento e empoderamento podem agregar a estas mulheres para obter liberdade e independência consolidando assim, uma sociedade justa e igualitária.

As mulheres cada vez mais têm compreendido a importância do seu papel em sociedade, e almejam diariamente crescer e se tornarem independentes, é fato que nunca é tarde para conquistar novos horizontes e alcançar objetivos, a mulher que historicamente passou por um processo de aceitação e busca pelo seu lugar atualmente com as mudanças sociais, assume grandes papéis como provedora familiar, trabalhadora e estudante e cada desafio, barreira e preconceitos vencidos o número de mulheres entrando no mercado de trabalho a cada ano tem crescido significativamente, visto que antes as mulheres estavam destinadas somente a cuidar do lar e dos filhos nos dias de hoje em alguns casos a maior parte da renda familiar vem delas, atualmente com a procura das mulheres por formação continuada o avanço feminino pelo conhecimento é evidente, se tem ainda uma longa jornada pela frente, mas os resultados são positivos por estas transformações e mudanças que refletem diretamente nas relações sociais política, social e econômica.

As mulheres têm dado sentido às suas histórias e têm um papel significativo em prol dos direitos das mulheres, têm feito delas, mesmo até sem terem plena consciência, são grandes partícipes das lutas histórico-sociais do gênero feminino do século XXI.

“... por tradição histórica, a mulher teve sua existência atrelada à família, o que lhe dava a obrigação de submeter-se ao domínio masculino, seja pai, esposo ou mesmo o irmão. Sua identidade, segundo esses estudos, foi sendo construída em torno do casamento, da maternidade, da vida privada-doméstica, fora dos muros dos espaços públicos. E por essa tradição, construída historicamente, a mulher se viu destituída de seus direitos civis. Não podia participar de uma educação que fosse capaz de prepará-la para

poder administrar sua própria vida e de ter acesso às profissões de maior prestígio. Assim, por um longo período histórico, a família, a igreja e a escola, elementos inerentes a esse processo, enquanto instituições vão sustentar esse projeto moralizador, tutelando a mulher ao poder econômico e político do homem brasileiro...” (FERREIRA, 2007, p. 15).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE apresenta a segunda edição do estudo Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, com informações fundamentais para análise das condições de vida das mulheres no País.

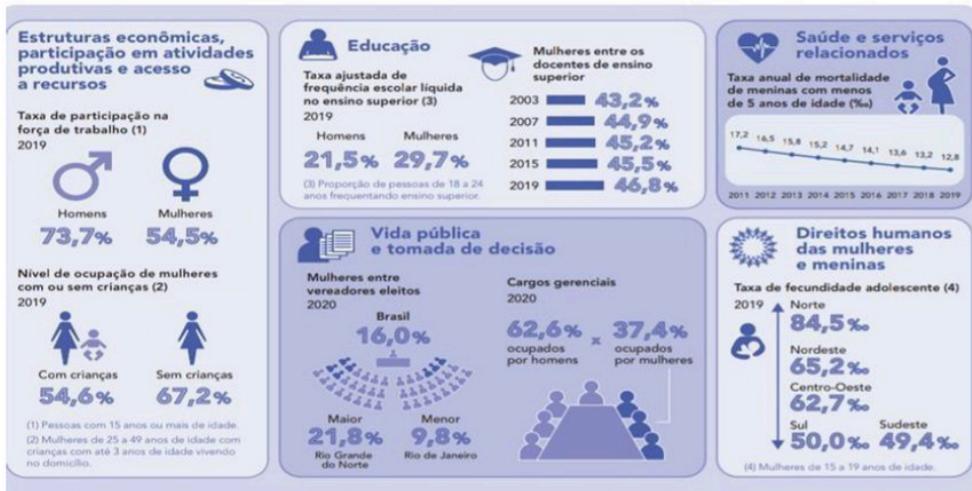
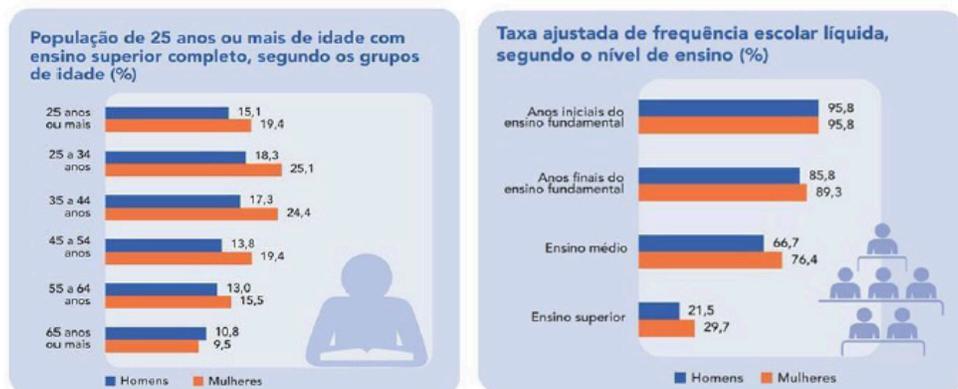


Figura 1 - Organograma com relação das condições de vida da mulher no Brasil.

Fonte: IBGE

A sistematização de indicadores sociais que retratam a sociedade brasileira e subsidiam a formulação de políticas públicas é agenda permanente de trabalho do IBGE desde a década de 1970, tendo como base a produção de relatórios sociais, cujo eixo estruturador são as persistentes desigualdades sociais evidenciadas nos mais distintos aspectos da vida da população. Essa trajetória se pauta pela análise e discussão da qualidade de vida das pessoas, da realização de direitos, da equalização de oportunidades e da universalização da cidadania 2.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019. Nota: Dados do 2º trimestre.



Fonte: SINOPSE estatística da educação superior 2019. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: jan. 2021.

Figura 2 – Relação entre escolaridade e idade de acordo com o gênero.

Fonte: IBGE.

As mulheres são maioria nos cursos profissionais da Educação Básica. Dados do Censo Escolar 2018, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostram a predominância de alunas em todas as faixas etárias, com exceção dos alunos com mais de 60 anos. A maior diferença observada neste gráfico entre os sexos está na faixa de 40 a 49 anos, em que 60,7% das matrículas são de mulheres. Para o Censo Escolar, educação profissional engloba cursos de formação inicial e continuada ou de qualificação profissional articulado à EJA, ou ao ensino médio; ou cursos técnicos de nível médio nas formas articuladas (integrada ou concomitante) ou subsequentes ao ensino médio.

A EJA é mais procurada por mulheres, no que se refere à análise por sexo, do total daqueles que frequentavam ou frequentaram anteriormente a EJA, 53% eram mulheres e 47%, homens. Com relação ao rendimento, o maior percentual de pessoas que frequentavam EJA, na época da pesquisa, foi daquelas que estavam na faixa de até ¼ do salário-mínimo (3,0%) e as que não tinham rendimento (2,6%). A maioria dos que cursaram EJA era formada por pessoas que se declararam parda (47,2%), seguidas por

brancas (41,2%), pretas (10,5%) e de outra cor ou raça (1,1%). A participação das pessoas que frequentavam ou frequentaram anteriormente algum curso de Educação de Jovens e Adultos foi crescente nos grupos de 18 a 39 anos de idade, declinando nos seguintes.

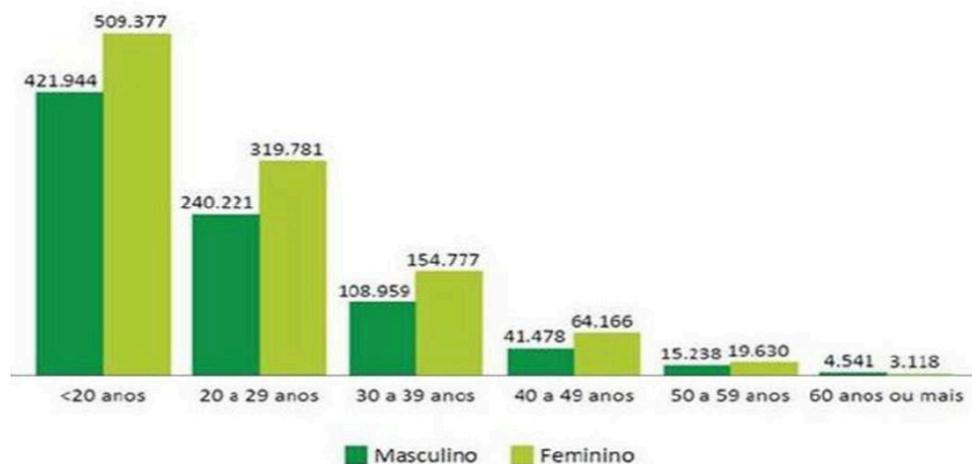


Gráfico 1 – Relação entre número de matrícula na EJA e a idade.

Fonte: IBGE

Outro fator importante a ser considerado na questão da desigualdade de renda é o nível de instrução mediante aos avanços e conquista pela igualdade, ainda se percebe uma imensa desigualdade em relação às mulheres no gráfico abaixo, o rendimento médio do Brasil como o valor de referência (com base igual a 100) e os demais rendimentos são comparados a esse de acordo com o nível de instrução e o gênero. É possível notar que apenas as mulheres com nível superior completo foram capazes de ultrapassar o rendimento médio da população, chegando a receber 167,1% do rendimento médio total. Porém, nos demais níveis de instrução, o rendimento médio das mulheres foi sempre inferior ao do total, saindo de 30,1% do rendimento médio do Brasil (para as mulheres sem instrução) e chegando em 72,3% da média brasileira com nível de instrução superior incompleto. Já os homens, eles conseguiram ultrapassar o rendimento médio do Brasil já no ensino superior incompleto (114,1%). Contudo, a maior diferença aparece para o nível superior completo. Os homens receberam 279,7% da média da população, distanciando-se grandemente dos rendimentos femininos nessa categoria de instrução (167,1% da média brasileira).

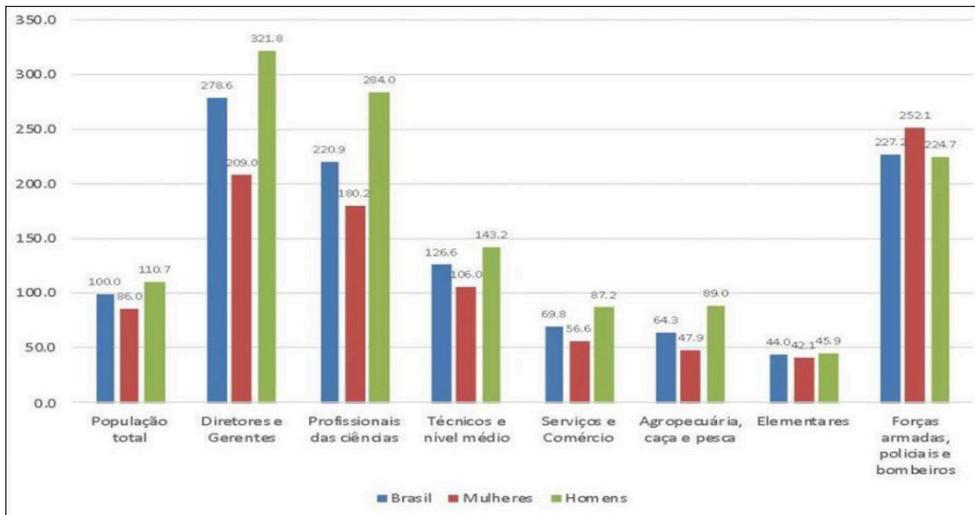


Gráfico 2 – Rendimento médio relativo por gênero e instrução, no 1º trimestre de 2020.

Fonte: Microdados PNAD contínua trimestral – IBGE. Elaboração NPEGen.

Esse gráfico também revela o crescimento da desigualdade de renda entre mulheres e homens de acordo com o aumento do nível de escolaridade. Afinal, as mulheres sem instrução auferiram cerca de 72,2% do rendimento dos homens na mesma categoria, enquanto as mulheres com nível superior completo receberam apenas 59,7% dos salários dos homens com a mesma instrução, neste gráfico comparam-se as diferenças de renda entre homens e mulheres de acordo com os cargos ocupados, foram selecionados apenas aqueles mais representativos para a análise da desigualdade salarial.

É possível em análise notar, examinando o gráfico, alguns cargos capazes de ultrapassar o rendimento médio do Brasil. São eles: Diretores e Gerentes, Profissionais da Ciência, os Técnicos e Profissionais de Nível Médio, assim como os membros das Forças Armadas. Porém, nem todos os cargos seguiram o mesmo padrão: os três primeiros apresentaram uma grande desigualdade de rendimentos entre as mulheres e os homens, enquanto o último apresentou desigualdade significativa, porém menor, com vantagem para as mulheres.

As mulheres ganharam seu espaço e são empoderadas, mas é evidente que existem ainda preconceitos em relação às cadeiras e posições que elas ocupam, as mulheres saíram de suas cavernas para dar voz ao mundo, para mostrar o seu valor e para garantir que seus direitos sejam respeitados em sociedade.

3 | CONCLUSÃO

A Educação de Jovens e Adultos é vista como um espaço diverso que acolhe os mais diferentes históricos pessoais que advêm com muita bagagem cultural e de fato estão em busca de uma nova oportunidade na escola, porque a EJA aqui tratada corresponde a um espaço plural e diverso com suas peculiaridades e contexto de obtenção e busca de autonomia intelectual, social e até econômica.

Esta aproximação com os estudos e as teorias nos permite relacionar o conhecimento teórico com a prática cotidiana de uma sala de aula da educação dos jovens e adultos com toda a sua heterogeneidade e pluralidade, como também o papel das práticas para o público feminino do envolvimento com os saberes sociais e culturais contidos no interior da escola.

Com base nas reflexões e estudos percebemos que esses sujeitos que buscam uma escolarização em tempo não habitual devem ser vistos como seres sócio-histórico-cultural, com muitos conhecimentos e diversas experiências acumuladas. Cada pessoa desse espaço precisa de um tempo próprio, e sua educação é um tanto particular, pois ambos buscam uma ressignificação de suas vidas e de si mesmo.

Tendo em vista toda essa diversidade/pluralidade desses educandos, e todas as ações socialmente diversificadas, percebemos que é preciso que a Educação de Jovens e Adultos proporcione múltiplas formas de socialização desses conhecimentos e das culturas ali existentes.

Por isso, foi possível destacar que esse ambiente deve incitar o respeito ao educando e a relação do seu conhecimento com sua evolução, e, no dia a dia escolar encontramos muitas possibilidades de avançar nessa área tão importante para a formação humana.

Mesmo que a tarefa de ensinar na atualidade abrange muitas particularidades e dificuldades, hoje precisamos invocar meios potenciais de desenvolvimento desses sujeitos, uma vez que é necessário explorar competências e habilidades para a vida em sociedade e motivá-los a ir sempre além, envolvendo ações pertinentes nesse processo singular da aprendizagem para esses jovens e adultos.

Observamos que o público feminino enxerga nesse espaço uma oportunidade de alcançar seus objetivos pessoais, profissionais, e que de fato merecem estar incluídas numa perspectiva educacional que alimente suas esperanças frente às adversidades vivenciadas por elas mundo afora.

A pesquisa mostra também que muitos fatores externos e internos à escola podem ser responsáveis pelo fracasso e/ou abandono escolar feminino, tais como: gravidez, desmotivação, desigualdade social, despreparo do sistema educativo, relações desiguais entre gênero, dentre outros aspectos que puderam ser vistos neste estudo.

Em relação aos aspectos observados sobre os motivos que as trazem de volta aos estudos, podemos destacar que na grande maioria os autores concordam que elas veem

nesse retorno uma oportunidade de melhoria de vida, de esperança frente aos desafios sociais, financeiros e pessoais.

Almejamos que a escola reconheça essa especificidade e atue com seus professores para tornar esse espaço mais significativo para o feminino, que possa ver cada estudante de forma holística reconhecendo seu potencial, e assim possa reverter o contexto do abandono.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; FONTENELE, Inambê Sales; FREITAS, Ana Célia Sousa. Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6151>. Acesso: 26 jul. de 2022.

ALVES. C.Y. **Trajetórias de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino**. Publicado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/199212/001100905.pdf?seq_ence=1>Acesso em 04/08/2022.

ARROYO, Miguel et al. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e cidadania**. Brasília, 2001.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** - Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (9394/96). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 jul. 2022.

_____. **Parecer CNE/CEB 11/2000**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 29 de jun. 2022.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. cadernos pagu, p. 247-290, 2004. CITTADIN, Diego; BADALOTTI, Greisse Moser. **EJA e mulheres: os motivos e objetivos do retorno das mulheres à escola na EJA Unidade de Ussussanga-SC**. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/368/EJA%20E%20ULHERES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 09/08/2022.

CONFINTEA. **V Conferência internacional sobre a educação de adultos**. Brasília: SESI, 2009. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114_por>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Educação**, v. 29, n. 2, p. 387-393, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84805907.pdf>. Acesso em 15 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Paulo. **Pedagogia do oprimido**, v. 43, 1996.

FREIRE, Paulo. **Primeiras palavras**. São Paulo, 1992.

IBGE. GOV. **Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf> Acesso em: 04/08/2022.

MARQUES, Jeanne Letícia da Silva. **Perspectiva discente na EJA/EAD do ensino médio: um estudo de caso em uma instituição particular**. 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/189930>. Acesso em: 20 jul. 2022.

PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Universidade Federal de Viçosa, 2004. Disponível em: <<http://files.pedagogiaunifeso.webnode.com.br/200000464-0b8b90c86d/A%20HIST%C3%93RIA%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20DE%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20NO%20BRASIL.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. de 2022.

ROCHA, Halline Fialho da et al. As práticas educativas na educação de jovens e adultos. **Pedagogia em Foco**, 2002. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/node/594>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, Andressa Oliveira de. **A mulher aluna da EJA: caminhos e perspectivas no retorno à escola**. Vilhena, RO, 2019.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010 - ISSN: 1676-2584

ANEXOS

ANEXO 1 – Entrevista

Nome: Marinalva Imaculada Cuzin

Idade: 57

Profissão: Gestora pública de EJA. Servidora Pública municipal aposentada.

1 - De modo geral, como foi sua experiência na EJA como aluna? E como profissional?

Como aluna foi onde vi a possibilidade de mudar a minha vida e não parei mais de estudar chegando ao Doutorado em Psicologia da Educação pela Unicamp. Como profissional, amava muito meu trabalho, com a expectativa de poder fazer a diferença na vida de outras pessoas.

2 - Quais os motivos que levam as mulheres a desistir de estudar?

Penso ser cultural associado às dificuldades familiares, em especial os cônjuges e o cuidado com os filhos e família em geral.

3 - Quais os motivos que levam as mulheres a voltar a estudar na EJA?

Penso ser uma resposta singular, no meu caso foi a expectativa de mudança de vida. Esperança de uma vida melhor e necessidade de melhor emprego e remuneração.

4 - Que desafios as mulheres enfrentam quando retomam seus estudos na EJA?

Todo tipo de dificuldade, desestímulo de todos os lados, precisa ter muita vontade para continuar. É uma luta solitária e diária.

5 - Quais são os resultados atingidos pelas mulheres que completam os seus estudos na EJA?

Transformação de vida, influência cultural sobre outras mulheres, e libertação dos estigmas sociais que aprisionam. Conquista de vida de fato.

ANEXO 2 - Links relacionados à história de Marinalva

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1008200121.htm>

<http://edubase.sbu.unicamp.br:8080/jspui/handle/EDBASE/489>